

MODA SEM GÊNERO: REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE E DIVERSIDADE NO VESTUÁRIO

Fashion without gender: Identity representation and diversity in clothing

Schneid, Frantieska Huszar; Doutoranda; Universidade Federal de Pelotas,
frantieskajs@gmail.com¹

Barreto, Taís Silveira Batista; Especialista; Universidade Católica de Pelotas,
tais@modaeconteudo.com.br²

Resumo: O presente trabalho discute a relação de gênero e identidade com a moda. Serão analisadas as principais mudanças culturais refletidas sobre os costumes e vestuário ao longo dos séculos, bem como os conceitos de gênero e suas ligações sociais. Desta forma, é possível analisar a moda sem gênero através de um panorama sobre o momento de transição e ruptura de padrões.

Palavras chave: Moda; gênero; identidade.

Abstract: This paper discusses the relation between gender and identity with fashion. There will be analyzed the main cultural changes reflected on costumes and clothing over the centuries, as well as the concepts of gender and their social connections. This way, it is possible to analyze fashion without gender through a overview about the moment of transition and rupture of patterns.

Keywords: Fashion; gender; identity.

Introdução

A discussão e os estudos de gênero avançam rapidamente na sociedade atual. Entre os aspectos que mobilizam a discussão contemporânea está o vestuário. A relação de gênero com a moda está diretamente ligada a fatores socioculturais, uma vez que ambos fazem parte da identidade do indivíduo. O termo 'moda sem gênero' foi incorporado pela moda após uma

¹ Tecnóloga em Moda e Estilo (UCS); Especialista em Docência na Educação Profissional (SENAC-RS); Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). Docente dos cursos Técnico em Vestuário e Tecnólogo em Design de Moda (IF-Sul).

² Graduada em Jornalismo (UCPel); Especialista em Gestão da Moda: Comunicação, marketing e estilo (SENAC-RS); Docente dos cursos Tecnólogo em Design de Moda (UCPel) e Especialização em Design, moda e consumo (UCPel).

série de análises e diagnósticos de mudanças sociais. A difusão deste conceito acontece através da cobertura da mídia tradicional de desfiles e lançamentos, bem como pelo lançamento de produtos acessíveis com foco neste mercado.

A fim de estudar tais relações na atualidade, foi realizado um levantamento histórico que permita analisar momentos anteriores de rupturas e quebra de estereótipos, bem como diversas peças de vestuário que foram usadas por homens e mulheres através dos séculos, a fim de empregar diferentes sentidos em momentos determinados.

Para as análises foram utilizados relatos centrais de Pollini (2007), Braga (2007 e 2015), Cox (2013), bem como ideias de Castilho (2004). O presente artigo busca contribuir com a discussão trazendo um olhar mais aprofundado sobre a questão e relacionando o gênero com diversos outros fatores sociais. Assim, busca-se compreender a relação do que vestimos com a identidade.

Contextualização histórica

A intenção aqui é propor uma contextualização histórica acerca do tema em relação à moda. Em que momentos observamos homens com traços femininos? Quando as mulheres começaram a apropriarem-se de peças que até então eram apenas do guarda-roupa masculino?

Desde Creta, temos notícias que homens e mulheres usavam espartilhos. Esta peça tradicionalmente está associada às mulheres, devido ao fato de afinar a cintura e delinear as curvas do corpo, remetendo à feminilidade e sensualidade. Braga expõe a apropriação do espartilho pelos homens, dizendo que:

Antes mesmo da cintura ligeiramente marcada no apogeu das culturas grega e romana, os habitantes da ilha de Creta, no Mediterrâneo, homens e mulheres, afunilavam (para não dizer estrangulavam) essa parte do corpo de tal maneira que ela se tornou uma das identidades visuais da indumentária desse povo, que teve o apogeu de sua cultura entre 1600-1450 a.C. (BRAGA, 2015, p. 98)

O uso do espartilho também aparece mais tarde, no século XVI, quando a rainha Elizabeth I não ditava apenas a moda para as mulheres, como também para os homens. A combinação do espartilho masculino com o gibão –

‘o que poderia corresponder na contemporaneidade ao paletó’ (BRAGA, 2007, p. 44) – ficou conhecida como silhueta de “barriga de ganso”, como nos explica o autor abaixo:

Elizabeth I influenciou a moda masculina na corte inglesa com a mesma força que ditou o estilo usado por suas damas. A silhueta masculina volumosa popular no tempo de Henrique VIII foi substituída por uma forma mais feminina, na qual os homens também usavam espartilho e um curioso gibão acolchoado na altura da barriga, chamado “barriga de ganso” (*peascod*, em inglês), cuja forma salientava o ventre como se eles também estivessem ‘grávidos’. (COX, 2013, p. 52)

Era comum que os homens não assumissem que ajustavam a cintura através do espartilho, e muitas vezes arrumavam desculpas para tal uso. Porém as roupas mais apertadas denunciavam que o sujeito seguia tal padrão. ‘No século XVIII eles os chamavam de ‘cinturões’. Alguns fingiam que os usavam por ‘razões médicas’, como dor nas costas. Mas não enganavam ninguém’(COX, 2013, p. 180).

Na Era Medieval algumas peças masculinas também traziam grandes traços de feminilidade, podemos citar o *cotte-hardie* e o *codpiece*. O primeiro era uma espécie de mini-túnica que muitas vezes nem cobria os genitais de quem vestia, escandalizando clérigos e legisladores. ‘A *cotte-hardie*’ cada vez mais sumária e justa gerou reprimendas de religiosos, que a consideraram indecente’(COX 2013, p. 40). Inclusive uma lei obrigou aqueles vistos como inoportunos, a descerem alguns centímetros as bainhas de tal vestimenta. O segundo, era uma espécie de triângulo de tecido feito para enfatizar as genitálias dos homens, conforme explicita Cox: ‘Isso deixava uma área bastante ‘vital’ descoberta, então um triângulo de pano passou a ser usado na região para preencher a lacuna. Surgia o *codpiece*, ou tapa-sexo’(COX, 2013, p. 44).

Além de peças específicas, quando analisamos a história da moda aparecem figuras e estilos com gostos muito apurados e requintados, que destacaram-se pelas suas práticas vestimentares muito bem adornadas, enfatizando cada detalhe de seus trajes. Pode-se destacar um homem que representa isto, Luis XIV, também conhecido como Rei Sol (1643-1715), ‘Luís tinha um guarda-roupa que era puro babado e frivolidade’(COX, 2013, p. 132).

A moda masculina do período Barroco, desenvolveu-se muito mais que a feminina.

Na Inglaterra no século XVIII, as famílias de posses, mandavam seus filhos estudarem na Itália, e ao retornarem os jovens voltavam com hábitos refinados, vistos por muitos como afeminados. Surge assim, um estilo que ficou conhecido como *macaronis*: ‘Almofadinhas, metrossexuais, mauricinhos e companhia sempre estarão entre nós, mas nenhum pode competir com os *macaronis*. Com cabelo enorme, roupas espalhafatosas e saltos altos...’ (COX, 2013, p. 134). O mesmo autor ao se referir deste novo estilo que surgira, fala que ‘As marcas de um verdadeiro *macaroni* eram os modos teatrais, voz esganiçada, calça curta branca, casaco ajustado, colete decorado com rendas ou botões extravagantes, monóculo e cabelo muito grande’ (COX, 2013, p. 134).

Surge no século XIX, no período conhecido como Romantismo, outro estilo que ficou marcado pela gosto apurado dos seus adeptos, o dandismo: ‘era (e ainda é) caracterizado não por um estilo particular, mas pela dedicação à excelência indumentária’ (MACKENZIE, 2010, p. 34). George Bryan Brummel foi precursor deste costume que ultrapassou a moda, e tornou-se uma maneira de ser, um modo de vida. Ele ‘transformou o vestir-se em arte. Dizia-se que levava até cinco horas para ficar pronto, e outros dândis iam até sua casa assistir à performance’ (COX, 2013, p. 137). O estilo *dandy* ‘impôs e ditou regras. Era, na realidade, uma espécie de distinção e uma maneira diferente de ser, e, conseqüentemente, de se vestir’ (BRAGA, 2007, p. 59).

Até aqui, foram apresentados indícios femininos na indumentária dos homens em diferentes períodos, agora pretende-se verificar em que momentos os trajes das mulheres apresentam evidências de masculinidades. Para isso, faz-se necessário traçar uma linha do tempo, onde almeja-se analisar tais vestígios.

Sabe-se que ao contrário dos homens, que apropriavam-se de elementos ditos como femininos por pura vaidade, as mulheres usaram símbolos masculinos como forma de ocupar espaços até então reservados apenas aos homens. O primeiro sinal disso pode-se verificar no Egito antigo,

através da faraó mulher Hatshepsut, Cox explica que:

O estilo e o valor da peruca indicavam o status do dono da hierarquia social do Egito antigo. Ricos tinham muitas perucas, e os menos abastados se viravam com uma só. Mulheres de altíssimos escalões, como a faraó Hatshepsut, foram retratadas usando não só a peruca, como também uma barba falsa – uma maneira especial de demonstrar que exerciam a mesma autoridade que os homens. (COX, 2013, p. 203)

Em relação ao vestuário, o primeiro traje a fazer este papel foi batizado de *Bloomerismo* homenageando à feminista norte-americana Amelia Jenks Bloomer, e elaborado por Elizabeth Smith Miller. O modelo criado em 1851, foi confeccionado para dar conforto à mulher, no qual consistia em um ‘vestido aberto até os joelhos, usado sobre calças volumosas ao estilo oriental presas aos tornozelos’ (MACKENZIE, 2010, p. 50). Além do conforto, o visual ia além, pois fazia parte da campanha das feministas da época pela igualdade de gênero. ‘As adeptas da reforma do vestuário ansiavam em liberar as mulheres dos exageros da silhueta vitoriana, eliminar a diferenciação social pelas roupas e redefinir desigualdades de gênero’ (MACKENZIE, 2010, p. 50).

Nos primeiros anos do século XX, antes da Primeira Guerra Mundial, houve um período intitulado de *Belle Époque*. Em tal momento, surge o hábito das mulheres praticarem esportes – destaca-se a equitação e o ciclismo – e com isso torna-se essenciais adaptações nos trajes para melhor desempenho de tais práticas. Braga corrobora isto, afirmando que esta atividade deu um ‘certo ar de masculinização à roupa feminina quando se apropriou do aspecto de duas peças das roupas masculinas, já que a mulher sempre havia usado vestido’ (BRAGA, 2007, p. 67). Ffoulkes vai além, relaciona o uso das duas peças à emancipação feminina e o início da luta pelo direito ao voto:

Tradicionalmente, os trajes femininos para a prática de esportes como a montaria eram baseados nas roupas dos homens. O uso de calça comprida, no século XIX, foi a primeira apropriação de verdade do vestuário masculino e estava ligado à mudança geral do modo de se vestir e à conquista do voto feminino. (FFOULKES, 2012, p. 32)

Neste mesmo período, início do século XX, surge um estilo intitulado de *Orientalismo*, devido à sua associação à cultura oriental. O costureiro parisiense Paul Poiret estava no centro de tais acontecimentos. As criações dele ‘aboliram as anáguas e, mais radicalmente, os espartilhos’ (PALOMO-LOVINSKI, 2010, p. 12). ‘A partir de 1906, já havia liberado a mulher das

amarras do espartilho lançando a cintura alta para os vestidos das mulheres' (BRAGA, 2015, p. 81).

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, em 1914 as mulheres 'tiveram que assumir diversos trabalhos que antes eram exclusivamente desempenhados por homens, o que impulsionou de certa forma uma nova postura da mulher' (POLLINI, 2007, p. 53). Para desempenhar as atividades laborais as vestimentas das mulheres foram flexibilizadas e as calças liberadas. Porém o que era permitido usar no trabalho, não era bem-vindo em ocasiões sociais e determinava-se que em outros momentos as mulheres usassem saias. Braga fala do período de guerra e o que isso influenciou no papel da mulher na sociedade:

Com os homens no campo de batalha, as mulheres tiveram que arregaçar as mangas e ir para o mercado de trabalho, libertando-se finalmente dos espartilhos e encurtando as saias até a altura das canelas. Começa aí todo um processo de emancipação feminina que pareceu não ter fim durante o restante da centúria. (BRAGA, 2015, p. 80)

Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, surge um novo estilo denominado de *Modernismo* – 'caracterizado por linhas limpas, simples, silhueta andrógina e desprezo por adornos supérfluos' (MACKENZIE, 2010, p. 74). Este estilo ditou as regras de toda a década de 1920 e teve como figura principal a estilista Coco Chanel. 'Ela soube identificar na mulher uma nova postura, sendo ela mesma exemplo desta mudança, pois soube conquistar uma independência incomum para os padrões da época' (POLLINI, 2007, p. 56).

Em 1922, o escritor Victor Margueritte lançou o romance *La Garçonne*, na qual tinha como personagem principal uma mulher que usava roupas tidas até então como masculinas. 'Desde aquela época, o estilo tem voltado com cabelos curtos, gravatas, paletós e calças' (FFOULKES, 2012, p. 32). Mackenzie explica melhor o visual que ficou conhecido como *garçonne*:

O novo e andrógino estilo, batizado de visual *garçonne*, dominou a moda até 1929. A barra das saias subiu consideravelmente até atingir seu limite em 1960, um pouco abaixo dos joelhos. A linha da cintura caiu para perto dos quadris. Os cabelos curtos e aparados viraram tendência, e os chapéus *cloche*, sem aba, em forma de sino e usados com a borda rebaixada, ganharam popularidade. (MACKENZIE, 2010, p. 74)

Em 1939, com a chegada da Segunda Grande Guerra Mundial, a moda feminina sofreu inúmeras alterações. Novamente as mulheres adentrariam o mercado de trabalho enquanto os homens estavam nos campos de batalha, e isso exigiria mudanças nas práticas vestimentares. 'As roupas femininas, de fato, masculinizaram-se e a grande moda foi o uso de duas peças, para qualquer momento, fosse do dia ou da noite' (BRAGA, 2007, p. 79). Braga complementa:

A moda precisou se adaptar às circunstâncias problemáticas. Nada de grandes gastos em tecidos e complementos; tudo passa a ser austero e a moda feminina é totalmente influenciada pela estética masculina. Roupas mais esmirradas, poucos enfeites e tecidos de cores mais escuras [...] além de sapatos pesados, turbantes cobrindo cabelos e aproveitamento das sobras de tecido. (BRAGA, 2015, p. 83 e 84)

Com o fim da Guerra em 1945, a moda sofreria novamente mudanças. Todo o período de recessão e escassez, estaria traduzido em feminilidade que até então estava esquecida. Em 1947, Christian Dior lança uma coleção de roupas e ao apresentar em um desfile de moda em Paris, foi intitulada pela Carmel Snow - jornalista de moda da Harper`s Bazaar norte-americana - de *New Look*. O traje trouxe muitas controvérsias, o que era belo para uns, acabou tornando-se símbolo de machismo para outros. A intenção do estilista era resgatar a essência feminina que estava deixada de lado, através de saias feitas com metros e metros de tecido, aliado à cinturas extremamente marcadas. Porém alguns grupos responsabilizaram Dior por impulsionar um regresso muito grande, ou seja, impor um visual com anáguas, luvas, cintas, para a mulher que tinha conquistado liberdade durante os anos 1920, 1930 e principalmente em 1940. 'Por sua vez, as feministas condenavam com veemência o estilo ultraconstritivo, visto como um retrocesso na emancipação das mulheres' (MACKENZIE, 2010, p. 86) .

A década de 1960, novamente foi muito importante para a luta da igualdade de gênero através das vestimentas. A pílula anticoncepcional estava mudando a concepção de como as pessoas lidavam com temas como sexo e relacionamento afetivo, e por isso, a moda estava encarregada de comunicar aos jovens valores de liberdade sexual. Neste período, foi lançada a moda unissex, ou seja, 'a mesma moda tanto para ele quanto para ela. Isso tudo vai

passar a ideia de um modo coletivo, comunitário, um ideal jovem que resultou numa espécie de uniformização da moda para ambos os sexos' (BRAGA, 2007, p. 89).

A luta pela liberação feminina e a diversificação na maneira de vestir manifestou todo o clima de paz e amor da década de 1970. 'A década anterior fez surgir a moda unissex, que passa a ser a grande moda nos anos 1970' (BRAGA, 2015, p. 86-87). No final desta década, surge a tribo urbana *punk* que ficou conhecida por utilizar os mesmos elementos tanto para homens, quanto para mulheres, não havendo distinção de gênero através das roupas. Ao se referir as diversas tribos urbanas que surgiram junto com os *punks*, Braga pontifica:

O que vale a pena ressaltar é que não havia mais tanta diferença entre as linguagens de moda tanto para homens quanto para as mulheres. Todas essas tribos eram compostas por ambos os sexos e as características visuais permitiam a todos com sutis peculiaridades do que era do masculino e do que pertencia ao feminino. (BRAGA, 2007, p. 97)

Os anos 1980, ficaram marcados com uma forte característica: a irreversível inserção da mulher no mercado de trabalho. E para isso, o guarda-roupa apresentava silhuetas lineares e anguladas, de modo a não enfatizar a feminilidade. 'No campo da moda, a mulher assume uma postura de masculinização em *tailleurs* com ombreiras' (BRAGA, 2015, p. 88). O mesmo autor acrescenta:

Isso tudo também foi reflexo de um posicionamento feminino no mercado laboral, onde os direitos e as posições adquiridas faziam parte de todo um contexto social de trabalho. Daí, numa espécie de reflexos e imposição, uma das características da moda feminina ter sido o grande uso de ombreiras e, obviamente, o uso do *tailleur*. Verdadeira apropriação da identidade masculina. Eles, por sua vez, para não ficarem para trás, também adotaram os ombros acentuados, posicionando-se frente às mulheres e, cada vez mais, aquilo que fora a moda unissex caminhava para o aspecto de androginia, uma das identidades dos anos 1980. (BRAGA, 2007, p. 98)

Os últimos anos do século XX ficaram marcados pelo multiculturalismo na sua essência e afirmou de vez que não existe uma moda universal, um estilo único a ser seguido, e sim uma moda própria com um caráter multifacetado. 'Parece que a ordem (ou desordem) do período estava presente em palavras como mix, hibridismo, releitura, multiculturalidade e outras

correlatas. A falta de identidade passou a ser a própria identidade' (BRAGA, 2015, p.88).

Encerra-se esta etapa do presente artigo com a seguinte citação que traduz o pensamento central de tal pesquisa: 'Desconstruir para reconstruir uma nova dimensão, uma nova identidade, uma nova proposta' (BRAGA, 2015, p. 89).

Gênero X Moda

Através da contextualização histórica, é possível perceber os diversos momentos em que a indumentária sofreu uma ressignificação em busca de atender novos códigos e demandas sociais a cerca dos papéis do homem e da mulher. As relações sociais estão ligadas a discussão de gênero, pois, segundo Saffioti (1992) 'a construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros' (p. 210). Assim, gênero se refere aos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos, independente do sexo biológico, sendo algo dinâmico e suscetível aos fatores socioculturais. Sua relação com a moda se dá à medida que o vestuário é parte indissociável da vida humana e tem relação direta com identidade. Assim como o gênero, a moda também é suscetível aos fatores socioculturais:

O simbolismo sexual criado pelo traje é bastante complexo e ganha significações mediante o estabelecimento de relações interpessoais que se alternam em razão das modificações socioeconômicas e culturais. Encontramos, assim, no vestuário, uma estrutura relacionada diretamente com o corpo humano, e que se presentifica nas relações plásticas que o constituem, apontando para o contexto em que o sujeito está inserido. Os seus arranjos são, pois, estabelecidos e normatizados pela própria ordem social que, ao mesmo tempo, os regula e os expressa. (CASTILHO, 2004, p. 111)

Para entender melhor como os indivíduos se encontram vinculados a partir do modo de se vestir, Castilho explica:

Assim como as línguas naturais, que, num alto grau de abstração, obedecem a regras comuns do sistema linguístico, a moda também pode ser entendida e analisada dentro de um sistema semelhante. Nessa perspectiva, cada indivíduo se encontra vinculado a um modo de se vestir e a todos os nexos institucionais ou afetivos que fazem a ligação entre ele e o grupo ao qual pertence. (CASTILHO, 2004, p.

O século XXI trouxe uma série de questionamentos acerca das normas sociais, coloca em discussão as limitações encontradas na divisão simples da moda em masculino e feminino, uma vez que a mesma já não consegue mais representar as trinta e uma nomenclaturas de gênero reconhecidas atualmente. Entre as mais conhecidas estão gênero fluido, quando o indivíduo transita entre o masculino e o feminino, sem se identificar totalmente com nenhum; e o sem gênero, quando o indivíduo não se vê representado nem se identifica como homem ou mulher. O início dos anos 2000 foi essencial para uma evolução dos conceitos apresentados anteriormente, androginia e unissex. A liberdade de não pertencer a nada específico e rotulado, junto com o desejo de exercitar as vontades pessoais sem compromisso com imposições sociais, criou um novo grupo de pessoas que tem como única preocupação ser fiel às suas próprias ideias. Entre as muitas ações desse grupo, uma das mais discutidas é a roupa. A seguir analisaremos os motivos que fazem do vestuário uma das questões sociais mais relevantes deste momento.

Cenário Atual

A segunda década do século XXI apresenta um contexto de grande diversidade. Diversas lutas fazem parte do debate, entre elas a luta pela igualdade através do feminismo e a luta contra a discriminação sexual de gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros. Entre tantos problemas econômicos, ambientais, sociais e políticos, chama atenção a importância dada pela sociedade a questões que afetam exclusivamente o indivíduo e sua vida privada. Tal fato poderia ser explicado através da colocação de Castilho, que explica os papéis do masculino e feminino como dois grandes grupos que marcam a diferenciação da sexualidade. Este processo, segundo a autora, encontra-se culturalmente organizado e reflete os papéis sociais exercidos pela figura do homem e da mulher em determinado grupo. 'A sexualidade é uma questão que interessa a todas as culturas: seja como um valor, um bem preservado, seja como tabu ou palco de inúmeras interdições.' (CAMPELO

apud CASTILHO, 2004, p. 110).

Assim, fica clara a relação do vestuário com a postura social e os padrões de uma sociedade. A diversidade de gênero e suas múltiplas formas de expressão quebram as imposições sociais e buscam desconstruir os papéis preestabelecidos para a mulher, permitindo ao ser humano desempenhar o papel que lhe for conveniente e estiver de acordo com seus próprios valores. O papel simbólico do vestuário é um dos primeiros a passar por essa desconstrução. Através da análise e pesquisa do contexto social, marcas de moda independentes iniciaram esta discussão a partir de suas coleções e abriram caminho para marcas de luxo entrarem no diálogo. A partir daí foram levantadas questões que chegaram ao grande público através de veículos de massa, como jornais e revistas.

Um das primeiras ações impactantes a cerca da moda sem gênero aconteceu na semana de moda de Londres – Inverno 2013, quando o estilista Jonathan Anderson desfilou homens de vestidos, tops e shorts de lã com babados. Sua coleção chamou atenção de nomes influentes e foi a mais comentada da temporada. Depois disso, o debate acerca da divisão entre masculino e feminino explodiu no circuito da moda. Uma das primeiras ações que atingiram diretamente o público foi realizada no primeiro semestre de 2015, pela multimarcas londrina Selfridges. A loja dedicou uma seção inteira à moda chamada de *Agender* (termo em inglês para “sem gênero”), nela não havia distinção entre roupas masculinas ou femininas. Nas passarelas o movimento apareceu em desfiles de grandes marcas como Giorgio Armani, Givenchy, Gucci e Prada, onde foram apresentados homens e mulheres vestidos de forma bem semelhante, independentemente da designação de gênero do evento em questão. Atentas às mudanças, as *fast fashions* lançaram as primeiras coleções com a proposta sem gênero. A Zara, rede mais importante do segmento, lançou uma linha que se autodenominava “*genderless*”. O uso da palavra, emprestada do inglês, não agradou clientes da marca. As roupas eram apenas moletoms, camisetas e calças jeans - peças há anos usadas por homens e mulheres. Neste caso não houve novidade para a moda sem gênero, foi apenas o uso inadequado de um termo para fins de marketing.

Entre os desafios de produção da moda sem gênero está a modelagem. Homens e mulheres têm corpos distintos, mesmo que as roupas sejam para ambos, é preciso pensar que as modelagens podem ser diferentes. As mulheres querem usar o que tem no guarda-roupa masculino, porém tem que cair bem no corpo, o mesmo vale para os homens. No entanto, isto não é regra, rapazes magros muitas vezes consideram melhor usar calça jeans feminina, porque o caimento é melhor. Mulheres, às vezes, preferem camisetas masculinas pois são compridas e vestem bem. O que fomenta a discussão da moda sem gênero atualmente é o uso de roupas femininas pelos homens, como saias e vestidos. Qual o motivo de homens de saia - ou roupas designadas como femininas causarem tanta ansiedade na cultura ocidental? A apropriação da indumentária tipicamente masculina por parte das mulheres deixou de ser tabu e é tido como algo natural. O próximo passo é naturalizar o inverso. Segundo a antropóloga Garcia, a universalização das coisas, sempre aconteceu pelo lado masculino da força:

Universalizar a moda de verdade seria se todo mundo pudesse dividir não só os códigos masculinos de indumentária, mas também os femininos. Só teremos um guarda-roupa realmente sem gênero quando uma saia não for mais algo tipicamente dirigido exclusivamente às mulheres. (GARCIA, 2014)

Considerações finais

Tendo em vista os aspectos observados, entende-se que as ideias e noções em torno do gênero partem de construções sociais. Não existem leis da natureza que definem especificamente quais roupas devem ser usadas por cada sexo, esses códigos foram estabelecidos pela sociedade e suas construções. Através do olhar histórico é possível perceber que algumas das figuras masculinas mais poderosas, como reis, nobres e cavaleiros, usavam roupas que nos dias atuais seriam consideradas do gênero como feminino.

A neutralização de gênero, por sua vez, é um movimento natural que tem seus anseios refletidos na moda, através do estilo pessoal. Marcas se apropriaram do discurso para criar novas coleções e aumentar as vendas, no entanto, os produtos apresentados até agora foram pouco representativos.

Assim, devem continuar surgindo novas formas de expressar a diversidade. O que vestimos é uma declaração de quem somos, como queremos ser vistos e que mensagem desejamos passar. A dificuldade em traduzir questões complexas em coleções e conceitos de massa se deve ao fato da complexidade dos valores pessoais. Moda sem gênero não é sobre um homem usar saia, é sobre romper com padrões sociais. Desta forma, **neutralização de gênero** não é uma tendência de moda, mesmo que algumas marcas tentem se aproveitar disto para lucrar. É um **movimento natural** que reflete mudanças importantes que vêm acontecendo na sociedade.

A moda convencional não consegue mais representar o mundo em que vivemos, por isso, estão sendo criadas **novas formas e meios** para expressar tanta diversidade. Ao ser representada nas passarelas e ganhar o varejo, a moda sem gênero se aproxima das pessoas e faz crescer a noção de que todas as classificações sociais existentes – idade, gênero, nacionalidade – foram construídas e já não dão mais conta da realidade – e, assim, a moda passa a ser não apenas um retrato do nosso tempo, mas também um agente de inclusão e promoção da diversidade.

Referências

BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

_____. **Tenho dito**: histórias e reflexões de moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2. ed. rev. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004

FFOULKES, Fiona. **Como compreender moda**: guia rápido para entender estilos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

GARCIA, Carla Cristina. **Afinal, o que é o genderless?** Revista Elle Online, abr. 2016. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/moda/elle/afinal-o-que-e-o-genderless>>. Acesso em: 29 mai. 2016

MACKENZIE, Mairi. **Ismos**: para entender a moda. São Paulo: Globo, 2010.

PALOMO- LOVINSKI, Noel. **Os estilistas de moda mais influentes do mundo**: a história e a influência dos eternos ícones da moda. Barueri, SP: Girassol, 2010.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda**. São Paulo: Claridade, 2007.

SAFFIOTI Heleieth I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*. São Paulo, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Última moda: uma história ilustrada do belo e do bizarro / texto de Barbara Cox [et.al.]; concepção do livro por Ariana Klepac ; tradução Laura Schichvarger. – São Paulo: Publifolha, 2013.